

# Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira  
Proprietária: Casa Publicadora Angolana  
Redacção e Administração: Missão Adventista  
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo  
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 2\$00  
ASSINATURA ANUAL . . . . . 20\$00

Ano II — Número 19

Julho de 1964

## «Eu sou a Bíblia Sagrada»

Eu sou a Bíblia Sagrada. Nenhum outro livro pode, como eu, responder às perguntas da mente e satisfazer os anseios do coração. Estou cheia de conhecimento que ilumina a mente e santifica a alma.

Em minhas páginas encontrareis a revelação do Deus vivo. Tenho trazido alívio e esperança aos tristes e abatidos. Tenho trazido paz e fé em Jesus Cristo aos ricos e aos pobres. Sou testemunha das alegrias e tristezas deste mundo, pois vou aos casamentos e aos funerais. O meu nome tornou-se famoso entre os homens.

Os homens têm tentado destruir-me. Jeoiaquim, rei de Judá, e os príncipes do tempo do rei Zedequias mostraram o seu desprezo pelo meu Autor queimando os escritos de Jeremias e lançando o profeta num calabouço (Jeremias 36:20-25; 38:1-6). No século XVI, os homens procuraram deter o movimento da Reforma queimando-me, mas a minha palavra não pode ser destruída. No século seguinte, fui traduzida para português por João Ferreira de Almeida. Desde então nunca cessei de ser impressa.

Sou o livro mais editado de todos os tempos. Sou o grande livro de texto do homem. Ninguém me pode matar ou destruir, pois sou a palavra do Deus vivo. Fui transmitida aos profetas de outrora pelo próprio Deus. Sou uma lâmpada para os pés de todos em toda a parte, uma luz para o seu caminho neste corrupto mundo de pecado. O valor dos meus escritos jamais poderá ser avaliado.

Sob o ponto de vista educacional nada me iguala. O conhecimento dos meus princípios constitui uma preparação essencial para qualquer vocação. Dou força e carácter, nobre ambição e são discernimento. De todos os livros jamais escritos, nenhum outro contém lições tão instrutivas, preceitos tão puros, ou promessas tão grandes. Jerónimo, um dos padres da Igreja, cuja vida decorreu no quarto e quinto séculos, ao traduzir-me chamou-me «A Divina Biblioteca».

Ofereço paz de coração por nosso Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Dou uma firme esperança para o futuro. Resolvo os maiores problemas da vida e do destino, e inspiro uma vida de pureza. Crio também o desejo de bem-fazer ao próximo, preparando homens e mulheres para a utilidade aqui e no além. Posso ensinar o valor da alma, revelando o preço que foi pago para a remir.

Por meio das minhas páginas torno os homens ousados para o que é recto e sustenho a alma na adversidade e na aflicção. Minhas palavras iluminam o escuro vale da morte, e apontam para uma vida sem fim. Conduzo a Cristo, cujo conhecimento traz a vida eterna. Em suma, sou o livro que ajuda a viver e a morrer.

Dentro de minhas capas encontrareis muitos livros, escritos por homens inspirados que andaram e falaram com Deus. Encontrareis histórias, aventuras, profecia, poesia, histórias de amor e a biografia de Jesus Cristo. Contenho 55.66.480 letras, 51.175 versículos, 1.189

# Perigos e privilégios dos últimos dias

(Conclusão)

por E. G. White

A verdade é eficiente, e pela obediência o seu poder transforma a mente à imagem de Jesus. A verdade tal como ela é em Jesus desperta a consciência e transforma a mente; pois é levada até ao coração pelo Espírito Santo. Há muitos que, destituídos de discernimento espiritual, tomam a nua letra da palavra, e verificam que desacompanhada do Espírito de Deus, ela não desperta a alma, não santifica o coração. Uma pessoa pode ser capaz de citar passagens do Velho e do Novo Testamento, estar familiarizada com os preceitos e promessas da palavra de Deus; mas a não ser que o Espírito Santo envie a verdade até ao coração, iluminando a mente com a luz divina, nenhuma alma cai sobre a Rocha e é despedaçada; pois ele é o agente divino que une a alma com Deus. Sem a iluminação do Espírito de Deus, não seremos capazes de discernir entre a verdade e o erro, e cairemos sob as sedutoras tentações e enganos que Satanás há-de trazer ao mundo. Estamos perto do fim da controvérsia entre o Príncipe da luz e o príncipe das trevas, e em breve os inimigos do engano provarão a nossa fé, revelando de que espécie ela é. Satanás operará milagres na presença da besta, e enganará «os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta.»

Mas embora o príncipe das trevas procure cobrir a terra com trevas, e com densas trevas o povo, o Senhor manifestará o Seu poder convertedor. Deve ser realizada na Terra uma obra seme-

capítulos, 66 livros. Meu capítulo mais longo é o Salmo 119, o mais breve é o salmo 117, e o versículo que fica no meio é no Salmo 118:8. O versículo mais longo é Ester 8:9; o versículo mais breve é João 11:35.

Lede-me e sereis abençoados.

C. D.

lhante à que teve lugar no derramamento do Espírito Santo nos dias dos primeiros discípulos, quando prêgarem a Jesus e a Ele crucificado. Muitos se converterão num só dia; pois a mensagem irá com poder. Pode então dizer-se: «O nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder e no Espírito Santo.» É o Espírito Santo que atrai os homens para Cristo; porque Ele toma as coisas de Deus e as manifesta ao pecador. Jesus disse: «Ele me glorificará, porque há-de receber do que é Meu e vo-lo há-de anunciar.»

A obra do Espírito Santo é incomensuravelmente grande. É desta fonte que vêm poder e eficiência para o obreiro de Deus; e o Espírito Santo é o Consolador como presença pessoal de Cristo na alma. O que olha para Cristo com fé simples e infantil, torna-se participante da natureza divina por intermédio do Espírito Santo. Quando conduzido pelo Espírito de Deus, o cristão pode saber que se torna perfeito n'Aquele que é a cabeça de todas as coisas. Assim como Cristo foi glorificado no dia de Pentecostes, assim será de novo glorificado na obra final do Evangelho, quando preparar um povo para subsistir na prova final, no conflito com que terminará a grande controvérsia. (Cfr. Apoc. 13:11-15; 17:14; 18:1, 2, 4, 5).

O povo de Deus deve ser chamado a desfazer a sua associação com os mundanos e malfeitores, para se levantar pelo Senhor na batalha contra os poderes das trevas. Quando a terra for iluminada com a glória de Deus, veremos uma obra semelhante à que foi realizada quando os discípulos, cheios do Espírito Santo, proclamaram o poder de um Salvador ressuscitado. A luz do Céu penetrou as entenebrecidas mentes daqueles que foram enganados pelos inimigos de Cristo, e a falsa representação d'Ele foi rejeitada; porque pela eficiência do Espírito Santo eles viram-n'O agora exaltado para ser Príncipe e Salvador, para dar arrependimento a Israel e remis-

são dos pecados. Viram-n'Os cercado com a glória do Céu, com infinitos tesouros nas Suas mãos para transmitir àqueles que se convertem da sua rebelião. Ao apresentarem os apóstolos a glória do Unigénito do Pai, 3.000 almas se compungiram em seus corações, e foram levadas a ver-se tais como eram, pecadoras e polutas, e a Cristo como seu Salvador e Redentor. Cristo foi exaltado, Cristo foi glorificado pelo poder do Espírito Santo repousando sobre os homens.

Os crentes diziam um ao outro: «Este é Aquele que foi acusado de glotoneria, de comer com publicanos e pecadores; Aquele que foi preso, e açoitado e crucificado. Cremos n'Ele como sendo o Filho de Deus, o Príncipe e Salvador.» A revelação de Cristo pelo Espírito Santo trouxe-lhes um compreensivo senso de Seu poder e majestade, e estenderam-Lhe as suas mãos pela fé, dizendo: «Eu creio». Assim foi no tempo da chuva temporã; mas a chuva serôdia será mais abundante. O Salvador dos homens será glorificado, e a terra será iluminada com o brilhante fulgor dos raios da Sua justiça. Ele é a fonte da luz, e desde as portas abertas de par em par tem refulgido a luz sobre o povo de Deus, para que possa exaltá-l'Os no Seu glorioso carácter perante aqueles que jazem nas trevas.

Cristo não tem sido apresentado em conexão com a lei como um fiel e misericordioso Sumo Sacerdote, que em tudo foi tentado como nós mas sem pecado. Ele não tem sido exaltado perante o pecador como o divino sacrifício. A Sua obra como sacrifício, substituto e penhor tem sido apenas abordada fria e casualmente; mas isto é o que o pecador necessita de conhecer. É Cristo em Sua plenitude como um Salvador perdoador do pecado que o pecador deve ver; porque o incomparável amor de Cristo, por intermédio do Espírito Santo, trará a convicção e a conversão ao coração endurecido. É a divina influência que é o sabor do sal no cristão. Muitos apresentam as doutrinas e teorias da nossa fé; sua apresentação, porém, é como o sal que não tem sabor; pois o Espírito Santo não está operando em Seu ministério destituído de fé. Eles não abriram

o coração para receber a graça de Cristo; desconhecem a operação do Espírito; são como a farinha sem fermento; pois não há um princípio a operar em todo o seu labor, e deixam de ganhar almas para Cristo. Não se apoderam da justiça de Cristo; esta é uma veste não usada por eles, uma desconhecida plenitude, uma fonte intacta.

Oh, que a obra expiatória de Cristo seja cuidadosamente estudada! Oh, que todos estudem com cuidado e oração a palavra de Deus, não para se qualificarem para debater pontos controvertidos de doutrina; mas para que como almas famintas possam ser saciados, como sequiosos possam ser dessedentados na fonte da vida. É quando investigamos as Escrituras com corações humildes, sentindo a nossa fraqueza e indignidade, que Jesus Se revela às nossas almas em toda a Sua preciosidade. Quando nos tornamos participantes da natureza divina, olhamos com horror para toda a exaltação de nós próprios, e aquilo que temos acariciado como sabedoria parece-nos escória e lixo. Os que se têm educado como controversistas, que têm olhado para si mesmos como homens penetrantes e agudos, vêem a sua obra com tristeza e vergonha, e sabem que a sua oferta foi sem valor como a de Caim, pois foi destituída da justiça de Cristo.

Oh, que como povo humilhemos os nossos corações perante Deus e pleiteemos com Ele pela dotação do Espírito Santo! Se tivéssemos ido ao Senhor com humildade e contrição de alma, Ele teria respondido às nossas petições; pois Ele diz que está mais pronto a dar-nos o Espírito Santo do que os pais o estão a dar boas dádivas aos seus filhos. Então Cristo seria glorificado e n'Ele discerniríamos corporalmente a plenitude da divindade. Pois Cristo disse acerca do Consolador: «Ele me glorificará, porque há-de receber do que é Meu e vo-lo há-de anunciar.» Esta é a coisa mais essencial para nós. Porque «a vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.»

*Review and Herald, 29 de Novembro de 1892.*

# «Estai vós apercebidos...»

por Casimiro Ferreira

Certo dia, saía Jesus do templo quando os Seus discípulos se aproximaram para Lhe mostrarem a estrutura do edifício. Disse-lhes, porém, o Mestre: «Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada». (Mateus 24:2). Os discípulos interrogaram-n'O, então: «Dize-nos quando serão essas coisas...» (Mateus 24:3). Jesus, olhando além do tempo, disse-lhes: «Quando virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel (Daniel 9:26, 27), está no lugar santo (Jerusalém) quem lê, atenda...» (Mateus 24:15). Para entendermos melhor o que queria dizer Jesus ao referir-se à profecia de Daniel lancemos mão do evangelho de Lucas e capítulo 21, verso 20: «Mas quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabe então que é chegada a sua desolação».

Passaram-se os anos e nos ouvidos dos cristãos fiéis continuavam a soar estas palavras do Mestre. Assim, quando por volta do ano 70 da nossa era, Jerusalém foi cercada pelas exércitos de Céstio, esses fiéis discípulos viram que as palavras de Jesus estavam a ter o seu cumprimento. Aguardaram, segundo a promessa (Lucas 21:21), a altura de poderem fugir de Jerusalém para não perecerem com ela. Inesperadamente, dizem os historiadores, o general romano levantou o cerco quando tudo parecia a seu favor e a cidade já não podia resistir. Levados por uma ilusão de vitória, os judeus abriram as portas da cidade e perseguiram os romanos infligindo-lhes pesadas baixas. Livres dos romanos e dos judeus, os cristãos abandonaram a cidade e foram refugiar-se na cidade de Peja, na terra de Peréia, além do Jordão. É curioso assinalar que todos os cristãos escaparam sem ser molestados porque os judeus se tinham reunido em Jerusalém para celebrar a festa dos Tabernáculos e, assim, não impediram a fuga.

Tudo isto se cumpria no tempo de-

terminado e para nós ficou a lição e o aviso. Hoje, segundo a Palavra de Jesus, estamos aguardando a Sua gloriosa vinda. Sabemos que os sinais que a antecedem têm-se cumprido e que ela está próxima. Mas estaremos nós seguros, como os cristãos que abandonaram Jerusalém no tempo oportuno, ou iremos atrás de falsas manifestações?

O FILHO DE DEUS, perguntado pelos discípulos, referiu-Se à Sua vinda nestes termos: «...Então se alguém disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhe deis crédito; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se fosse possível, enganariam até os escolhidos. Eis que vo-lo tenho predito.» (Mateus 24:23-25.)

A irmã White, no seu livro «O Conflito dos Séculos», páginas 458 e 459, escreveu: «Levantar-se-ão pessoas pretendendo ser o próprio Cristo e reclamando o título e culto que pertencem ao Redentor do Mundo. Efectuarão maravilhosos prodígios de cura, afirmando terem recebido do Céu revelações que contradizem o testemunho das Escrituras. Como acto culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará Cristo. A igreja tem há muito tempo professado considerar o advento do Salvador como a realização das suas esperanças. Assim, o grande enganador fará parecer que Cristo veio... Mas o povo de Deus não será desencaminhado. Os ensinamentos deste falso cristo não estão de acordo com as Escrituras. A sua bênção é pronunciada sobre os adoradores da besta e da sua imagem, a mesma classe sobre a qual a Bíblia declara que a ira de DEUS sem mistura, será derramada. E demais, não será permitido a Satanás contrafazer a maneira do advento de Cristo. O Salvador advertiu o Seu povo contra o engano neste ponto, e predisse claramente o modo da Sua segunda vinda (Mateus 24:24-27)... Não há possibilidade de ser contrafeita esta vinda.

Será universalmente, testemunhada pelo mundo inteiro.»

O que se apresenta diante de nós, hoje, é algo muito semelhante ao que se passou durante o cerco e posterior destruição da cidade santa. Os que estiveram atentos aos sinais dados por JESUS perceberam o significado das coisas que aconteciam e fizeram a vontade de JESUS, salvando-se. Os outros, foram atrás de falsas miragens e pereceram às mãos dos exércitos de Tito e à fome. «As mãos das mulheres piedosas cozeram os próprios filhos; serviram-lhes de alimento na destruição da filha de meu povo». (Lamentações 4:10). Novamente se cumpriu a profecia de aviso, dada catorze séculos antes: «E quanto à mulher mais mimosa e delicada entre ti, que de mimo e delicadeza nunca tentou pôr a planta de seu pé sobre a terra, será maligno o o seu olho contra o homem do seu regaço, e contra seu filho e contra sua filha; ...e por causa de seus filhos que tiver; porque os comerá às escondidas pela falta de tudo, no cerco e no aperto com que o teu inimigo te apertará nas tuas portas (Deuteronómio 28:56, 57).

Hoje, como então, precisamos estar atentos à Palavra do Salvador para não sermos enganados naquilo em que pomos as nossas maiores esperanças: a bem-aventurada vinda do SENHOR JESUS em glória. ELE nos avisou que a sua vinda seria como o relâmpago e que toda a terra verá essa grandiosa manifestação do poder de DEUS. Por isso, quando Satanás personificar a Cristo enganará a muitos lugares dizendo-se o Cristo. Isso mesmo provará que é um impostor. Quando Se manifestar todos O verão, até mesmo os que O traspassaram (Apocalipse 1:7). Por isso JESUS disse que apareceriam muitos em Seu nome dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos (Mateus 24:5).

Os que contemplam os prenúncios da vinda do Salvador devem saber que «está próximo às portas». (Mateus 24:33). «Vigiai, pois» (Marcos 13:35) são as Suas palavras de advertência. Os que atendem o aviso não serão deixados em trevas, para que aquele dia os

apanhe desprevenidos. Mas para os que não vigiarem, «o dia do SENHOR virá como o ladrão de noite» (I Tess. 5:2) (O Conflito dos Séculos, páginas 27 e 28).

O Mundo não está mais preparado para dar crédito à mensagem para este tempo do que estiveram os judeus para receber o aviso do Salvador, relativo a Jerusalém. Venha quando vier, o dia do SENHOR virá de improviso aos ímpios. Correndo a vida a sua rotina invariável; encontrando-se os homens absortos nos prazeres, negócios, comércio e ambição de ganho; estando os dirigentes do mundo religioso a engrandecer o progresso e ilustração do Mundo, e achando-se o povo embalado em uma falsa segurança, então, como o ladrão à meia-noite rouba a casa que não é guardada sobrevirá repentina destruição aos descuidados e ímpios, e «de modo nenhum escaparão» (I Tess. 5:3-5) (O Conflito dos Séculos, pág. 18).

Diz o Espírito de Profecia, no livro citado e a página 343, que são abundantes as conversões superficiais e que se unem às igrejas multidões que nunca se uniram a Cristo Jesus. Esses mesmos, tal como muitos durante o grande desapontamento de 1844, serão os melhores agentes de Satanás para levar o povo de Deus a seguir falsos caminhos. Por isso, atentos aos sinais dos tempos e às proféticas palavras do Redentor, meditemos dia e noite no conselho do FILHO DE DEUS: «... Sê pois zeloso e arrepende-te» (Apocalipse 3:19) e estejamos apercebidos para que Satanás não nos possa enganar nos dias que se aproximam.

---

*Quando surgirem perplexidades, e dificuldades vos confrontarem, não esperéis auxílio dos homens. Confiai inteiramente em Deus. O costume de contar as dificuldades a outros, só nos torna fracos e não lhes traz força. Sobrecarrega-os com o fardo de nossas fraquezas espirituais, que não podem remediar. Procuramos os recursos de homens errantes e finitos, quando poderíamos ter a força do Deus infalível e infinito.*

# Transitoriedade e Perenidade da Lei

por Ernesto Ferreira

Como outros termos da Bíblia que têm dado origem a variadas interpretações e doutrinas, *Lei* é um termo equívoco cujos vários sentidos é necessário ter em conta se queremos compreendê-lo em cada caso particular.

Quando no Novo Testamento aparece a palavra *Lei*, ou a sua equivalente grega *Nomos*, é chamada a atenção para o que no Antigo Testamento era designado por *Torah*.

*Torah*, que literalmente significa «instrução», abrangia o conjunto das instruções divinas dirigidas por Deus ao Seu povo.

Essas intruções eram cristalizadas em dois sentidos gerais diferentes: ou como *revelação da vontade divina*, encontrada nas Escrituras, ou mais particularmente no Pentateuco e sobretudo no Decálogo; ou como *o sistema religioso judaico*, no todo ou em parte, designadamente no serviço ritual e no sacerdócio.

Como sucede com outros termos equívocos ou palavras homónimas de qualquer língua, o verdadeiro sentido bíblico de *Lei* tem de ser esclarecido pelo contexto.

Será pois o contexto que esclarecerá se a *Lei* é transitória, como transitório foi o sistema religioso judaico, ou perene, como transcrição do carácter e da vontade de Deus.

## A Lei — manifestação da vontade de Deus

1. Por essência, Deus é um Ser eterno e perfeito. Eterna e perfeita é também a *Lei* pela qual o universo por Ele criado devia reger-se. (Sal. 111:7, 8; 19:7).

2. Toda a transgressão da *Lei* de Deus é pecado. (I João 5:4). A própria perfeição da *Lei* revela, como um espelho, a situação pecadora do homem. (Rom. 3:20; 4:25; 7:7).

3. A fim de que a *Lei* de Deus se mantenha em vigor, toda a sua transgressão deve ser expiada. A expiação

imediate é constituída pelo sofrimento, prova evidente da perfeição da *Lei* transgredida; a expiação final é a morte. (Rom. 6:23).

4. Como substituto da raça humana, Cristo ofereceu-se para fazer a expiação necessária (Heb. 2:17; Daniel 9:24; Isa. 53:10). Assim, quem não aceita a Jesus como seu Substituto, expiará sozinho e terá a morte eterna; quem O aceita como tal, «não perece, mas tem a vida eterna». (Cfr. João 3:16). Já não está debaixo da condenação da *Lei*. (Rom. 8:1).

5. O sacrifício de Jesus é, pois, a prova cabal da perenidade da *Lei* de Deus. Se a *Lei* pudesse ser anulada, não teria sido necessária a morte expiatória de Cristo. É assim que, aceitando pela fé a salvação provida pelo sacrifício de Jesus, de maneira nenhuma se anula a *Lei*; antes, pelo contrário, esta é reconhecida como estando em seu pleno vigor. (Cfr. Rom. 3:31).

6. Não admira, pois, que Jesus tenha claramente afirmado não ter vindo anular a *Lei* (Mat. 5:17-19), mas tenha salientado de tal maneira a sua importância que declarou ser «mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da *Lei*». (Luc. 16:17).

7. Não é igualmente de admirar que os apóstolos tenham salientado a importância da observância da *Lei* de Deus. O próprio apóstolo Paulo, em cujas palavras alguns se apoiam para defender a doutrina de que a *Lei* não está mais em vigor, declarou: «A circuncisão é nada, e a incircuncisão nada é, mas sim a observância dos mandamentos de Deus». (I Cfr. 7:19). Por sua vez, o apóstolo João escreveu: «Esta é a caridade de Deus: que guardemos os Seus mandamentos; e os Seus mandamentos não são pesados». (I João 5:3; cfr. 2:4).

8. Seria um contrassenso pretender que, tendo Jesus morrido para expiar o pecado, transgressão da *Lei* divina, quem O aceita como Salvador já não deva preocupar-se com a transgres-

são dessa mesma Lei ou, noutros termos, já lhe seja indiferente cumprir ou não a vontade de Deus.

9. Pelo contrário, mais do que nunca a crente ama a Lei de Deus e procura cumpri-la. No dizer de Jeremias, citado na Epístola aos Hebreus, essa Lei passará a estar no seu coração, substanciada com a sua própria vontade. (Jer. 31:33; Heb. 10:16).

#### A Lei — sistema religioso judaico

Desde que o pecado entrou no mundo, foi estabelecido um sistema sacrificial que, como penhor da boa vontade divina para com o pecador, devia apontar para o Salvador vindouro. A um povo particular — o povo de Israel — foi confiada a missão sacerdotal de preservar e anunciar esse sistema no meio das trevas religiosas em que jazia a humanidade pre-cristã.

Como mencionámos atrás, o conjunto de instituições, sacrifícios e cerimónias da dispensação judaica é também designado por Lei. Neste sentido, a Lei caducaria quando Jesus, a quem ela anunciava, consumasse o Seu sacrifício expiatório.

Vejamos alguns textos em que a palavra *Lei* aparece nesta acepção.

1. «De maneira que a Lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo». (Rom. 3:24). Com efeito, todo o conjunto da antiga dispensação — com o seu sacerdócio, os seus sacrifícios, as suas solenidades — não teve outra finalidade senão preparar o caminho para Cristo.

2. A Lei não justifica ninguém. O apóstolo Paulo foi sempre um tenaz opositor daqueles que, embora se confessassem cristãos, pretendiam que a justificação provinha do cumprimento das praxes, ou obras, do sistema judaico. Acerca desses escreve: «Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da Lei mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo, e não pelas obras da Lei; porquanto pelas obras da Lei nenhuma carne será justificada». (Gal. 2:16). E continua: «Se a justiça provém da Lei, se-

gue-se que Cristo morreu de balde». (Vers. 21). Ver também Rom. 3:27, 28.

3. «Não estais debaixo da Lei, mas debaixo da graça». (Rom. 6:14). A Lei ou sistema religioso judaico, já preencheu a sua função, conduzindo o pecador para Cristo. Foi em Cristo que se revelou a graça de Deus, trazendo a salvação aos homens, graça essa que é aceita pela fé. De sorte que, como crentes, estamos libertos das prescrições transitórias da Lei judaica, e vivemos sob a dispensação da graça manifestada em Cristo Jesus.

Estamos agora em condições de poder responder à pergunta: A Lei caducou ou permanece ainda em vigor? Se por Lei compreendemos o sistema religioso judaico, por natureza transitório, a resposta tem de ser que caducou; se, porém, entendemos por Lei a manifestação da vontade de Deus, a resposta só pode ser uma — para o nosso espírito a vontade de Deus ocupa uma posição suprema e, sendo assim, deve ser obedecida para sempre.

---

## O Manto de Jesus

Tenho nojo de mim se me revejo  
Nas águas turvas dum passado imundo!  
E chego a lamentar o triste ensejo  
Que cegou minha mãe ao dar-me ao mundo!

Minha vida é qual fúnebre cortejo;  
De escândalos e dor's é mar profundo!  
Sou o opróbrio dos céus que tanto almejo!  
Com a escória das ruas me confundo!

Mais inútil que um trapo repelente,  
Só mereço o desdém de toda a gente,  
Pois no reino do mal me fiz tão pobre!

Se algum valor ou graça em mim se encerra,  
É o 'sírito contrito de quem erra  
E o manto de Jesus que tudo encobre!

Correia Leite

# Histórias Africanas



## Sacrifício Vitorioso

Movimentada e rica, Banza Manteka, uma das vilas proeminentes de África, fixava-se, como um rasto vivo de civilização, nos densos e ilimitados matagais africanos.

No seu mercado, de uma originalidade excêntrica, misturavam-se filhos de muitas tribos, num vai-vem constante, comprando ou vendendo aos berros, numa confusão de línguas e dialetos, de vestimentas, cores e barulho!

As mercadorias expostas compunham um quadro pitoresco e primitivo: bananas, pássaros, cabras e outros produtos da região, confundiam-se num amontoado escandaloso; objectos de fino gosto europeu figuravam ao lado de utensílios que os naturais tinham em estilo rudimentar; tecidos da Europa competiam com a trama pesada e grosseira das tangas e ornamentos de fibra e palha, onde as cores se sucediam em combinações berrantes e selvagens; filigranas delicadas esplendiam junto a bugigangas baratas; e os arcos, as lanças, os cocares e todo o arsenal das aldeias vizinhas ali se enfileirava, a demonstrar ostensivamente a pujança e o engenho de velhos e famosos chefes.

Era assim Banza Manteka — um oásis de vida, enfeitado de casas europeias e cabanas rústicas, com a vibrante característica de colmeias em sussurro e a doida agitação de formigueiros revolvidos.

Era em 1890. Caía a tarde.

Um homem branco de origem europeia, acostumado àqueles sítios e afeito aos hábitos rudimentares daquele sertão, aproximava-se da cidade. Trazia nos gestos uma preocupação qualquer. Ao galgar uma pequena saliência, de onde se descortinava por entre galhos e folhas verdes o casarão que se estampava no solo, ergueu o busto, esticou o queixo para a frente, lançou em volta um olhar perscrutador e recolheu-se em completo mutismo. Depois, num gesto brusco e decisivo, ergueu uma das mãos aberta em concha e pôs-se a escutar. Silêncio. De novo seus olhos interrogam e, agora, arrastam o seu pensamento para cima, para o céu, e lá, bem longe, começa a vaguear...

De súbito, o seu pensamento como que resvalou para uma encosta luminosa de nuvens e deparou de novo, já nas sombras do crepúsculo,

Banza Manteka: era o silêncio, sobretudo o silêncio que o apavorava. Onde a agitação do mercado e o bulício das ruas ao cair das tardes? Onde a vibração, os gritos, o vai-vem, a luta pela vida que era toda a atracção daquela cidade negra?

Decidiu-se então a caminhar. Penetraria quem sabe no reino do sono, quem sabe numa cidade mortal!

Que teria acontecido a Banza Manteka? E, de repente, os olhos azuis daquele desolado viajante brilharam como duas estrelas naquele crepúsculo triste. A sua frente, como um troféu de ébano, forte e expressivo, mas como quem guarda o segredo de um enigma terrível, surgiu daqueles túmulos de barro e palha Mandombi, o valoroso chefe africano.

Eram velhos amigos. Embora diferentes, pertencendo a raças diversas, os dois homens eram amigos; confundiam-se num mesmo ideal e numa só fé: eram cristãos.

É Mandombi quem fala. Adivinhava na preocupação do seu amigo o enigma que o abatia. Como se tivesse percebido na perplexidade do seu rosto, na atitude móvel e abobada dos lábios, na paralização dos gestos, o vulcão que guardavam no íntimo e que logo se tornaria visível numa erupção interminável de perguntas, Mandombi, deixando escorrer pela face retinta as lágrimas quentes, responde sem ter ouvido a pergunta:

— A doença chegou, irmão!

— Você refere-se com isso à doença do sono, Mandombi?

— Sim, a doença do sono. Como é terrível! Venha e veja com seus próprios olhos.

E o homem branco, seguindo o vulto esguio do chefe negro, penetrou no coração da desgraça. À sua passagem, grupos de enfermos se esforçaram por demonstrar uma polidez africana, permanecendo de pé, erectos, em atitude de respeito, mas caíam sempre cambaleando de sono. Uma pobre mulher esforçou-se por permanecer direita, fixando o olhar no homem branco, num apelo mudo, mas, em poucos instantes sentiu pender-lhe a cabeça e, desesperada, foi-se sumindo num sono profundo, como tragada pela morte.

Junto às árvores, ao pé das cabanas, estirados em agonia lenta ou aos cambaleios co-



mo alcoolizados, viu homens, mulheres e crianças. Uns, num verdadeiro delírio, revolviam-se de um lado para outro ou choravam num desespero implacável; outros se conservavam assentados, de olhos muito abertos, parados, olhando fixamente na mesma direcção, mas sem nada distinguir; outros ainda, no auge do desespero, tombavam vertiginosos ou assumiam atitudes perigosas, ameaçadoras, inteiramente descontrolados. Aqueles foram abrigar-se à roda de uma cabana de palha e, completamente vencidos, marcam com o coração os minutos da morte; e ali, apáticos, vagabundos, homens que se esqueceram a si mesmos, nada respondem, nada sabem — tudo neles paralisou: a língua, a memória e, se ainda lhes pulsa o coração, é porque não morreram de todo.

— Que calamidade, Mandombi! Isto é uma aldeia de mortos, disse por fim o homem branco, a quem o terror emudecera. Quando começou a doença?

— Há várias semanas já. E o povo está morrendo. Uns jamais acordam deste sono pesado; outros embrenham-se pelas florestas e desaparecem. A doença vagueia pelas povoações vizinhas. É terrível! Meu povo está morrendo; toda a povoação está morrendo, tanto cristãos como pagãos. Os velhos e os feiticeiros nos ameaçam, dizendo que a doença é o castigo que nos veio por nos termos tornado cristãos e alguns são tão fracos e medrosos que estão renunciando à fé.

E num apelo angélico, que mais parecia o gemido trágico dos desgraçados, Mandombi, cravando seus dois olhos negros nos de seu amigo, e trazendo no olhar a imagem viva de seu nobre coração, murmurou numa prece: os homens brancos são tão hábeis: — dê-me, dê-me o remédio para curar o meu povo!

— Não, Mandombi, respondeu o outro. Esta doença ainda não é conhecida; os doutores brancos não podem curar uma doença sem conhecer-lhe a causa, e a causa da doença do sono permanece desconhecida. Se alguém pudesse oferecer-se para ser experimentado pelos doutores brancos na Europa...

— Se alguém pudesse oferecer-se, atalhou de chofre Mandombi. E, num ímpeto selvagem, desapareceu por entre as casas.

Poucos dias depois o homem branco deixou a cidade do sono. Em outras regiões por onde passou, o mesmo flagelo; uma onda de horror percorria toda aquela parte da África.

Meses depois, profundamente angustiado, o viajante tornou a Banza Manteka. Corre à casa de Mandombi. Quería notícias, queria inteirar-se da marcha do sono.

A casa do chefe se abriu, mas o estrangeiro recuou assustado. Mandombi estava enfermo; nada mais era agora do que uma vítima da doença do sono; poderia viver por alguns meses, por um ano até, mas, um dia, receberia no coração o toque inexorável da morte.

Pobre Mandombi! Mesmo assim, ele se pôs de pé; não estava tão mal ainda nem se preocupava tanto com a enfermidade. Trazia no cérebro e coração um outro problema. E quando o branco lhe estendeu a mão amiga, Mandombi, apertando-a nervosamente, foi dizendo:

— Desejei tanto a sua vinda! Porque se demorou tanto? Tive receio de que pudesse chegar tarde. Lembra-me de quando estivemos juntos pela última vez e me parecia ouvir a sua voz, despertando meu coração e repetindo sempre: «Se alguém pudesse oferecer-se... se alguém pudesse oferecer-se...»

— Mandombi, você..

— Sim, eu me ofereço para que os doutores brancos da Europa me examinem e descubram a causa da doença que mata o meu povo. Irei à Europa. Ajude-me a salvar o meu povo!

O estrangeiro sentiu-se confuso. Um africano, que jamais transpusera as aldeias e florestas de África oferecia-se para uma longa jornada. Seria isto possível? E começou a conjecturar:

— Sabe você o que esta jornada significa, Mandombi? Você jamais voltará a sua África, morrerá em outro país e entre gente estranha. Sua esposa, seus filhos, Banza Manteka e todos os seus amigos ficarão na África. A jornada é longa, o mar é furioso, as experiências a que você será submetido serão dolorosas e, no fim, a morte, lentamente como uma esponja envenenada, sugará a sua vida. Você pensou em tudo isto, Mandombi?

— Pensei em todas estas coisas, mas como é para salvar o meu povo eu irei alegre.

Toda a vida de Mandombi se revolucionou. Reuniu algum dinheiro, providenciou sobre o conforto futuro da esposa e dos filhos, despediu-se da cidade, dirigiu à família o seu último adeus e partiu a caminho do mar.

Começou então para Mandombi a maravilhosa jornada. O barco deslisava silenciosamente e ele admirava as árvores gigantes que debruavam de verde as margens do rio. Parecia que toda a natureza patricia ali vinha, trazendo-lhe a última homenagem. Macacos saltavam e corriam em algazarra pela mata virgem; pássaros de maravilhosas cores cruzavam a superfície das águas e se perdiam por entre as árvores; aves aquáticas vigiavam o rio; crocodilos sonolentos espiavam de longe.

Mandombi percebia que toda a fauna africana estava ali para despedir-se dele. E o barco deslisava: era agora o mar, o velho mar dos mistérios e das lendas; seria depois a Europa. E assim foi. Mais tarde, Mandombi se dirigiu a casa de seu amigo branco, apertando-lhe as mãos, revendo a face que em África lhe fora tão familiar.

— Meu irmão em Jesus Cristo! disse Mandombi. Tinha, afinal, encontrado alguém conhecido. Sentia-se em casa. E, junto, os dois homens por muito tempo falaram sobre a África, e sobre Banza Manteka particularmente.

Enfim, o hospital.

Mandombi foi examinado, por especialistas em doenças tropicais, prestando-lhes todas as informações que pôde, e, então de quatro em quatro horas, examinavam-lhe o sangue vermelho.

Seguiram-se meses de experiências, e enquanto isso, Mandombi definhava. Era já desesperador o seu estado e as experiências mé-

*Continua na pág. 16*

# Curso de Educação Doméstica no Gungue

Trinta e duas esposas de obreiros dos Campos Missionários do Bongo e Nova Lisboa reuniram-se na Escola Central Adventista do Gungue para participarem na primeira fase do Curso de Educação Doméstica, patrocinado pelo Departamento de Educação da União Angolana dos Adventistas do Sétimo Dia.

Devemos confessar que não esperávamos que o curso alcançasse tanta popularidade. Na data marcada para terminar esta primeira fase, ao cabo de quatro semanas de estudo intensivo, encontramos os participantes francamente entusiasmados com os seus trabalhos e pedindo-nos que prolongássemos por mais tempo as aulas.

O programa diário tinha início às seis horas da manhã e prolongava-se pela noite fora. Após a devoção matinal e o pequeno almoço, tinham lugar as aulas de português, costura, higiene, lar cristão e cozinha. A fim de se adiantarem os trabalhos de costura fazia-se serão todas as noites até às duas e três horas da manhã, à luz do «Petromax» de 500 velas.

Tivemos ocasião de provar alguns pratos preparados pelas alunas e ficámos admirados com os progressos feitos. No último Sábado, passado em conjunto, o director dos Campos do Bongo e Nova Lisboa fez um culto sobre a vida familiar e todas as alunas presentes tomaram a decisão de voltarem para suas casas com um espírito de amor e de perdão, prontas a fazerem a sua parte para que os seus lares sejam um pequeno céu na terra.

No domingo, dia 19 de Julho, numa das salas da escola, teve lugar a exposição dos trabalhos de costura completados durante o curso. Tivemos ocasião de ver lindos vestidos de criança, casaquinhos, botinhas de lã, toalhas de mesa, aventais, rendas, bordados, etc. Muitas visitas, especialmente obreiros de longe, vieram ver a exposição e todos se confessaram encantados. O que mais nos impressionou foi o volume de trabalho realizado em tão pouco tempo!

Após a exposição as alunas reuniram-se e, num belo cântico em *umbundo*, agradeceram à instrutora do curso, Irmã D. Isabel Rodrigues, o interesse e devoção com que lhes ministrara as lições. Nesse momento vimos lágrimas em muitos olhos.

Enquanto carregávamos o carro para regressar a Nova Lisboa, entrevistámos rapidamente três das alunas que mais perto se encontravam. Eram elas a Ir. D. Albertina Maurício, esposa do Pastor Maurício Nunes, a Ir. D. Clementina Chiperica, esposa do

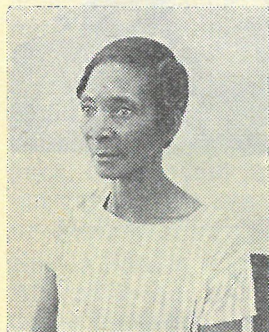


Participantes do Curso de Educação Doméstica

Professor Samuel Chipérica e a Ir. D. Helena José, esposa do catequista Herculano José Guli. A seguir reproduzimos essas entrevistas.

### Impressões da Irmã Clementina Chipérica

### Impressões da Irmã Albertina Maurício



— Ir. Albertina, dê-me as suas impressões sobre o curso de educação doméstica.

— Tive muito prazer em frequentar este curso. Embora a minha idade e os meus olhos não me tivessem ajudado na costura, aprendi muito de cozinha e estou ansiosa por chegar a casa e fazer uns almoços especiais para o meu marido.

— Qual foi a receita experimentada no curso que mais lhe agradou?

— Foi a receita de rodelinhas fritas. Achei-as muito saborosas e fáceis de fazer. Embora não se encontre no livro que usámos no curso, todas nós temos ideia de a experimentar em casa.

— Ainda se lembra de receita?

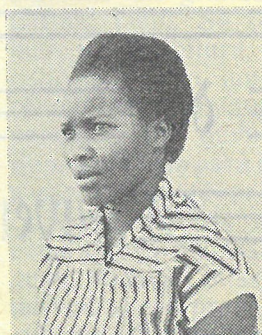
— Certamente. É muito fácil. Num tigelam misturam-se dois ovos, uma chávena de açúcar e uma chávena de leite.

Noutra tigelam misturam-se quatro chávenas de farinha de trigo peneirada, quatro colheres de chá de pó Royal, meia colher de chá de sal e, no caso do leite utilizado ter sido leite em pó, junta-se ainda um quarto de colher de chá de soda. Se se usar leite natural dispensa-se a soda.

Depois misturam-se os conteúdos das duas tigelas até se obter uma massa que se corta e se molda em rodelinhas. Estas fritam-se em azeite doce ou óleo de boa qualidade.

— Notou alguma falta no curso?

— Sim, gostaria que num próximo curso pudesse haver uma casa modelo para podermos aprender e arrumá-la e decorá-la. Gostaria ainda que se organizasse uma escola regular para as nossas filhas.



— Ir. Clementina, depois de ter frequentado este curso, que ficou a saber fazer que antes não sabia?

— Aprendi a fazer muitos pratos diferentes para variar a alimentação no meu lar. Aprendi a cortar e a coser roupa de criança, até mesmo casaquinhos que eu julgava serem tão difíceis de fazer!

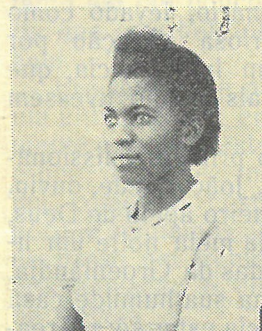
— Acha que o que aprendeu vai melhorar o nível do seu lar?

— Sim. Eu procurarei pôr em prática o que aprendi. Só tenho pena que estes cursos não tivessem começado há muitos anos atrás, quando eu era solteira.

— Existe algo que acha que deveria ser tratado num próximo curso e que não foi focado neste?

— Sim. Gostaria que nos ensinassem a tratar da roupa do marido, especialmente a escovar e passar a ferro um fato, tirar nódoas e dobrá-lo para viagem.

### Impressões da Irmã Helena José



— Ir. Helena, acha que valeu a pena deixar a sua casa para passar aqui um mês frequentando o curso de educação doméstica?

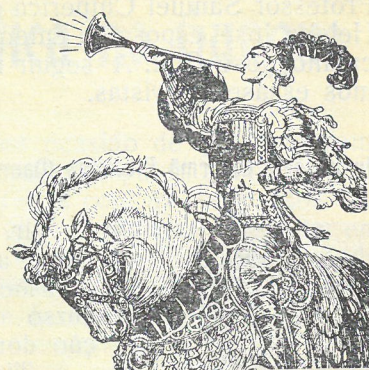
— Certamente. Aprendi muito e só tenho pena que o tempo tivesse passado tão depressa!

— Que aspectos do curso lhe agradaram mais?

— Gostei muito de aprender a bordar e a fazer renda. Fiz uma linda toalha de mesa, bordada a ponto de som-

*Continua na pág. 13*

# Página da Juventude



## Vocações

por F. Thomas

Ninguém ignora hoje a importância dos pequenos começos: a vida começa por um germe imperceptível; as mais terríveis doenças são devidas com frequência à entrada de um micróbio invisível no nosso organismo; as mais belas obras da caridade cristã como as mais terríveis manifestações do mal aqui na terra começaram, em geral, sem que os homens dessem disso conta, tão microscópicas elas eram na origem.

Assim sucede, amigos que ledes estas linhas, com a carreira de mais do que um missionário, levado como outros à sua gloriosa vocação por acontecimentos sem importância, que pareceriam accidentais se não tivessem sido providenciais.

Foi assim que o primeiro missionário da Groenlândia, João Egede, ouviu, em 1709, o seu primeiro apelo de Deus, quando lia ao sol da meia noite um livro sobre as Legendas da Groenlândia, instalado solitário na sua humilde casa de pastor. Ele parecia estar só: na realidade Deus estava ali, procurando por meio daquela leitura abrir-lhe os olhos para o estado lamentável da Groenlândia e de seus habitantes. Fez então esta simples e infantil oração: «Ó Deus! se é verdade que ali há pessoas privadas do Evangelho, envia-me!»! Doze a-

nos mais tarde, depois de ter vencido toda a espécie de dificuldades, embarcava para Bergen a fim de levar aos grosseiros e selvagens esquimós que o Senhor lhe tinha posto no coração, a boa nova que é para todos os homens.

Um século mais tarde, em Londres, um jovem aprendiz de quinilheiro esperava uma tarde na rua um amigo mais ou menos leviano com quem devia passar o serão num café. Ele não era uma má pessoa, longe disso, mas o seu coração não pertencia ao Senhor; podia sofrer más influências e vir a desorientar-se. A esposa do seu patrão, passando por ali, ao vê-lo sozinho e ocioso, propôs-lhe que a acompanhasse a um culto numa igreja vizinha. Ele aceitou e naquela mesma noite foi subjugado pela graça de Deus. Convertido ao Salvador, colocou-se ao Seu serviço e quando, pouco tempo depois, soube que a Sociedade Missionária de Londres procurava jovens para a sua obra, ofereceu-se, foi aceite e partiu para as Ilhas da Polinésia. Este aprendiz de quinilheiro não era outro senão João Williams, o célebre missionário das Ilhas Hervey e Fidji e das Novas Hébridas; quando morreu mártir em Erromanga, com a idade de 45 anos, tinha, diz-se, conduzido ao Evangelho mais de 300.000 pagãos. Por altura de uma das suas viagens, em

Londres, pôde mostrar, da tribuna, o lugar onde Deus o tinha chamado, graças ao amável convite de uma cristã.

Pela mesma época, um jovem jardineiro escossês dirigia-se um dia à cidade a fim de ali fazer compras. Ao atravessar uma rua, a sua atenção foi atraída por um cartaz que anunciava para aquela noite uma conferência missionária dada por um pastor chamado Roby. Não hesitou em ir e foi ali que ouviu claramente o apelo do Mestre que lhe pedia a sua juventude e o seu coração para a obra missionária: ele tinha 21 anos. Esse jovem jardineiro, ganho por um cartaz, não era outro senão Roberto Moffat, o intrépido missionário do Sul da África, o que converteu o chefe Africander que todos temiam como sendo «o assassino de homens».

E sabeis, prezados amigos, como o mais conhecido e mais notável dos viajantes da África, David Livingstone, foi levado à sua maravilhosa carreira, primeiro de missionário e depois de explorador? Por uma conferência que Roberto Moffat deu em Londres, na altura em que Livingstone estudava Medicina. Ficou de tal maneira impressionado com as narrativas do missionário, do qual mais tarde veio a ser genro, que deixou tudo para seguir o Senhor até ao centro da África e preparar assim para a obra das missões novos caminhos. Se ele soube excitar a admiração dos sábios pelas suas investigações científicas de primeira importância, soube também ganhar o coração dos pobres pretos, pois os amava ternamente e nunca os maltratava. A lembrança que deixou ao morrer foi tal que homens da sua comitiva, depois de terem embalsamado o seu cadáver, empreenderam uma longa viagem a pé para o transportar aos ombros até à costa de Zanzibar.

Detenho-me, meus prezados leitores. Estes quatro exemplos bastarão para vos mostrar a importância dos pequenos começos e o dever de interessardes os jovens, mesmo desde pequenos, para a obra admirável das missões, que deve ser a obra de todos os cristãos, pequenos e grandes, sem excepção. O Senhor pode fazer grandes coi-

sas com fracos instrumentos. Sede pois fiéis em vossas dádivas!

Se, por outro lado, para provocar algumas das grandes vocações missionárias, Deus Se serviu de tão fracos meios: uma leitura, um convite para um culto, um culto, um cartaz, uma conferência, isso prova-vos até que ponto é preciso saber ouvir a voz do Mestre. Sede pois fiéis para Lhe prestar atenção, e certamente O ouvireis... talvez para vos tornardes missionário! Oh! se estas linhas pudessem marcar o início duma vocação missionária para tal ou tal dos meus prezados jovens leitores! «Quem é fiel no mínimo, também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo, também é injusto no muito». (Lucas 16:10).

---

## Curso de Educação Doméstica no Gungue

*Continuação da pág. 11*

bra, que está mesmo um encanto! Também gostei muito de aprender a fazer pipocas.

— Acha que agora está habilitada a dirigir a sua casa sem dificuldade?

— Não. Embora o curso tenha sido muito bom é necessário que ele tenha continuidade no futuro. Há muito ainda por aprender e reconheço que nós tivemos que começar pelo princípio. Estou admirada como conseguimos aprender tanto em tão pouco tempo mas desejava que esta bela obra não ficasse por aqui.

Era tempo de partirmos. Acenando um último adeus, enfrentamos resolutamente a estrada esburacada e poeirenta e que, desta vez, não nos pareceu tão má como de costume. Talvez fosse porque sentíamos que se dera um grande passo em frente na nossa obra de cristianização e civilização em terras de Angola...

José E. Rodrigues.

---

## Visado pela Censura

# Notícias do Campo

## Transferências de Obreiros

Durante o mês de Julho realizaram-se as seguintes transferências: Pastor António Coquenão Lopes, para a Missão do Bongo; Pastor Vitorino Chaves, temporariamente para a Missão de S. Tomé; João Ascensão Esteves, para a Missão do Lucusse; José Pedro Falcão Sincer, para a Igreja de Benguela.

## Nova Lisboa

### Curso de Pregadores Voluntários

No início deste ano procedemos a um inquérito junto dos membros desta Igreja no qual constaram os quesitos que obtiveram as respostas seguintes:

Grupos de visitas a doentes.....	19
Grupos de visitas a encarcerados.....	14
Grupos de distribuição sistemática de literatura.....	14
Grupos de estudos bíblicos.....	5
Curso de pregadores voluntários.....	17
Casas cedidas para funcionamento de Escolas Sabatinas Anexas.....	15
Ano Bíblico para adultos e menores...	60

Feito o inquérito ficamos cientes do interesse tomado pela Igreja nas diversas actividades.

Surgiu, no entanto, um problema grave em relação aos 15 lares à nossa disposição para Escolas Sabatinas Anexas: não existiam obreiros preparados para assumir essa responsabilidade.

Uma irmã, além de colocar à nossa disposição seu lar, havia já convidado algumas pessoas amigas e tivemos de acorrer solicitando a prestimosa colaboração de um obreiro regular, o irmão José Rodrigues, que apesar de seus muitos afazeres, manteve em funcionamento essa Escola Sabatina Anexa, onde várias almas estão interessadas, antevendo-se a possibilidade de um ou mais baptismos.

A falta de obreiros levou-nos a organizar, com urgência, o 1.º Curso de Pregadores Voluntários, que se iniciou no dia 8 de Fevereiro, com inscrição de 21 irmãos, dos quais 14 terminaram seu curso.

Ministradas as 4 primeiras lições demos início aos trabalhos práticos que coincidiram com o Esforço de Evangelização da Igreja.

Organizados em 7 grupos de 2, distribuíram-se 502 convites referentes ao Esforço de Evangelização, em zona estudada previamente, na qual a Igreja tinha seu centro e não muito longe dela. Na semana seguinte distribuíram-se mais 200 convites, o que totalizou 702.

Posteriormente constituíram-se 11 grupos visto haver irmãos que desejavam colaborar com os Pregadores Voluntários.

Aproveitando as pessoas convidadas iniciamos, logo a seguir, uma distribuição sistemática de uma série de 15 folhetos da colecção «Verdades Eternas».

Ao distribuírmos o 6.º folheto começamos a inquirir das pessoas seu interesse pela literatura, preparando o terreno para iniciarmos Estudos Bíblicos por lares dos mais interessados na Mensagem.

Assim algumas portas se foram abrindo e os Pregadores Voluntários iniciaram seus trabalhos confiados, não na sua sabedoria, mas no Espírito Santo.

Preparamos para este Curso uma série breve especial de 10 estudos, devidamente anotados na Bíblia, visto que nenhum versículo se repete, a fim de facilitar o estudo sem ter um papel como guia.

Infelizmente os Pregadores Voluntários socorrem-se ainda de notas, o que dentro em pouco não farão adquirida mais prática.

Para os menos dotados em dom de palavra estávamos pensando preparar estudos bíblicos sistema «paciências» em que cartões ilustrados, com perguntas tinham as respostas noutros, os quais se distribuía pelos assistentes, entrando todos no jogo de perguntas e respostas.

Todas as almas que recebiam literatura eram sempre convidadas a assistir às reuniões sociais da juventude através de um convite especial.

Procurámos que este curso fosse tão prático quanto possível.

Obreiros Voluntários há que esperam levar ao baptismo algumas almas.

No dia 1 de Julho finalizámos o curso com a presença do presidente da União, Pastor Ernesto Ferreira e do Secretário da mesma, Pastor Everett Jewell, que entregaram os diplomas aos respectivos alunos dos quais serão investidos, numa cerimónia a realizar no princípio do próximo ano, os que levarem uma alma ao baptismo, cerimónia que terá lugar também nessa data.

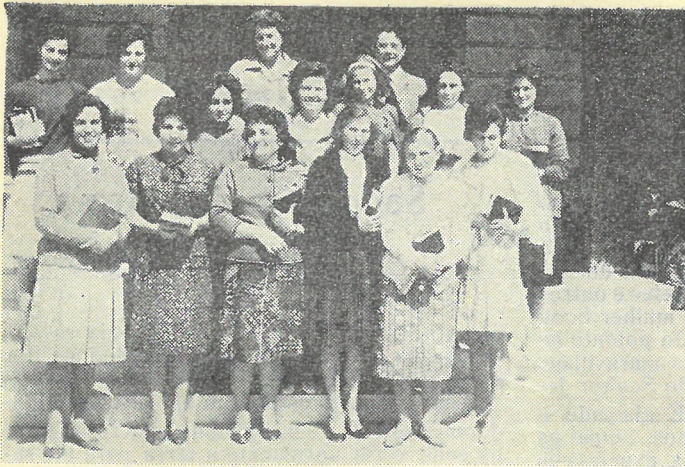
Esperamos que se siga outro curso e novas investidas.

No entanto os Pregadores Voluntários continuarão a ser assistidos de maneira que possam aprofundar seus conhecimentos e aperfeiçoar seus métodos de trabalho.

Procurámos dotar este belo grupo de Pregadores Voluntários de um conjunto de duas máquinas de projecção e uma série de filmes. Toda a Igreja contribuiu para a compra deste material. Bem hajam!

Estava projectado que em Outubro se daria início a uma Campanha das Missões com o lema «Uma revista em cada lar de Nova Lisboa» e isto seria mais uma experiência maravilhosa a acrescentar às já obtidas por este valoroso exército de obreiros.

Eis algumas opiniões sobre o curso:



Grupo de pessoas que tomaram parte no Curso de Pregadores Voluntários

«Antes de iniciar este curso, eu sentia-me bastante acanhada e quando me convidavam para dar algum «Estudo Bíblico» eu recusava sempre pelo facto de possuir poucos conhecimentos.

Todavia, depois do que aprendi neste curso, sinto-me regozijada pela oportunidade que que o Senhor me concedeu de iniciar uma série de Estudos Bíblicos a uma alma que se encontra interessada em aprofundar os seus conhecimentos nas Sagradas Escrituras.» **Cecília Ribeiro da Silva**

«Este curso foi para mim uma valiosíssima ajuda, pois sem ele, nunca me sentiria com coragem para dar Estudos Bíblicos...» **Rosália Caria**

«Todas as reuniões foram de excepcional interesse e de elevado nível espiritual e foi sempre com grande prazer que a elas assisti. Faço sinceros votos para que este curso seja seguido de outros de aperfeiçoamento a fim de que não estagnemos.» **Violeta Rodrigues**

«Além de ser, na realidade, um curso de grande utilidade sobre todos os aspectos, acho, na minha opinião, que deviam assistir a ele o maior número de irmãos...» **Maria Ginette Pinto.**

«Tenho muita tristeza que este curso tivesse chegado ao fim». **Amélia Lopes.**

«Terminei o curso de Obreiros Voluntários. Estou muito satisfeita. Os resultados que tive, graças a Deus, são muito bons.» **Odele Garcez**

«Neste curso, indiscutivelmente firmamos mais os nossos conhecimentos, adquirimos outros, e acima de tudo, aprendemos maneiras práticas de ganhar almas para Jesus.» **Graciete Miranda.**

«É com bastante pena, que me vejo chegada ao fim deste curso.

Ele encerra lições maravilhosas para nós e ajuda-nos a podermos preparar mais almas para Jesus». **Ana Maria Sincer.**

Agora que me despeço para assumir outras responsabilidades quero deixar aqui registado o meu reconhecimento por tão bela colaboração destes Pregadores Voluntários. Foi maravilhoso!

Que eles não esqueçam nunca que:

1. Todos os homens necessitam de um Salvador e esse Salvador está aqui.

2. O principal instrumento de Deus em alcançar almas são outras almas.

3. Podemos pressumir sempre que Deus e o Espírito Santo estão na obra quando nós estamos na obra, esta é Sua tarefa antes que fosse nossa.

4. O principal equipamento do homem no influenciar outras almas não é seu talento

nem sua influência, mas sua capacidade de interessar-se no assunto.

5. Há sempre algumas almas prontas para responder ao nosso convite, elas foram preparadas pelo espírito de Deus, esperam a nossa aproximação, isto nunca falha.

J. P. F. Sincer

## C. M. de Nova Lisboa

### Campanha Evangelística de Ulondo

No dia 15 de Julho do ano corrente, na companhia do Ir. José Eduardo Rodrigues, director dos Campos Missionários de Nova Lisboa e Bongo, parti de Huambo para Vila Nova, a fim de pedirmos ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Administrador autorização para realizarmos uma campanha evangelística em Ulondo.

A Autoridade Administrativa aceitou de boa mente o nosso pedido. No dia seguinte, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Administrador transmitiu o assunto ao soba e este deu-o a conhecer a todo o povo. Assim, antes da nossa chegada, o povo aguardava ansiosamente a entrada da Mensagem na sua aldeia.

A princípio o serviço parecia-nos difícil. Mas passados alguns dias a vontade do povo foi estimulada. É digno de admiração como até os nossos amigos católicos ficaram impressionados com a Mensagem do Sábado.

No primeiro Sábado da nossa estadia, vimos o pastor protestante, de nome José Matende, juntamente com os seus catequistas assistindo connosco à reunião da Escola Sabatina e ao culto. Isso deu-nos a entender que todo o povo estava sedento e tinha vontade de saciar-se no manancial eterno, isto é em Jesus Cristo. Como Ele disse: «Eu sou a água da vida; quem vem a Mim nunca terá sede.»

O regedor Roberto Bila ajudou-nos muito nos cultos e animou o povo a assistir às reuniões.

Certa manhã vimos um homem que vinha

a correr, a fim de nos pedir auxílio para que fôssemos ver a sua mulher que estava para dar à luz e não podia. O nosso irmão Daniel Chionga serviu de parteiro e salvou a mulher e o bebê saiu vivo e são. Dois dias depois outra mulher deu a luz e ficou tão fraca que estava quase a morrer. Urgentemente foi-nos comunicado o caso e nós, como soldados de Cristo prontos para acudir, saímos do nosso casebre. Quando chegámos, não tardou que o irmão Daniel Chionga descobrisse que o que causava a fraqueza à parturiente era um tumor. Então aplicou-lhe panos quentes e outros tratamentos e o tumor cedeu e a mulher ficou sã. Todos admiraram como a mão potente de Deus nos ajudou a obrar aquelas maravilhas. Então lembrei-me das palavras do Senhor Jesus: «E, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus, curai os enfermos, limpai os leprosos, e ressuscitai os mortos, expulsai os demónios; de graça recebestes, de graça dai». S. Mat. 10:7, 8.

Uma tarde, o filho de nosso catequista Noé Ricardo deitou fogo a uma palhota de capim onde estava sentada a irmã menor, que mal sabia andar. Estava à distância de uns cinco metros da casa onde eles tinham os seus haveres. Seria uma tarde muito triste, mas Deus fez soprar o vento ao contrário, de maneira que o fogo não se transmitiu à casa de habitação nem a criança se queimou. Lembremos-nos das palavras do Senhor Deus em Salmos 34:7.

No último Sábado, 61 pessoas dedicaram-se ao Senhor e 32 pessoas inscreveram-se na Classe de Ouvintes.

Aos leitores deste Boletim pede-se o favor de não esquecerem nas suas orações a obra e a semente divina lançada na embelada de Ulondo, para que Deus possa abençoá-la e fazê-la frutificar. É o meu sincero desejo.

Diniz Capiñala Java

## Aguardando a ressurreição

No passado dia 6 de Julho faleceu no Hospital da Missão Adventista do Bongo o Ir. Mário Cassoco. Acometido de insidiosa doença há cerca de um ano, foram-lhe faltando as forças de tal modo que se viu obrigado a baixar ao Hospital onde faleceu.

O Ir. Mário Cassoco terminou o curso de catequista no Instituto do Bongo em 1959. No ano seguinte foi colocado como catequista em Chingamba; mais tarde foi transferido para Guluve e daí para Camanga.

Era viuvo de Belina Mário, falecida a 7 de Setembro de 1961 e casado em segundas núpcias com Filomena Jobino. Deixa órfãos oito filhos, seis dos quais menores, António, Eurico, Madalena, José, Geraldo, Celina, Melita e Daniel.

À viúva, filhos e irmãos David Chiquete e Maravilho Guendelamba expressamos as nos-

sas sinceras condolências e fazemos votos de que possam revê-lo quando Jesus voltar.

José E. Rodrigues

## Sacrifício vitorioso

Continuação da pág. 9

dicas negativas ainda. A vida parecia esvair-se-lhe do corpo, como o perfume de uma flor que vai apodrecendo.

Um dos médicos pensou em devolver Mandombi à África. Seria melhor, morreria entre os seus, veria novamente a terra para ele sagrada.

—Mandombi, disse-lhe um dos médicos, você poderá voltar de novo ao seu país. Há ainda tempo e nós lhe oferecemos uma oportunidade.

Mandombi, sacudindo a cabeça magra, murmurou baixinho:

—Não, continuem com as experiências. A minha vida, até o último alento, pertencerá ao meu povo. É por ele que estou aqui.

As experiências não foram interrompidas. O sangue do negro estava saturado de germes de malária, e pela primeira vez, muito antes das experiências de Fordes, Dutton e Castellani, Artur St. L. Fagan, depois de três meses de experiências descobriu três filarias no sangue de Mandombi.

Mais tarde chamou a um destes germes *Tripanossoma* — a causa da doença do sono.

No seu sono pesado e triste, sono de morte, Mandombi sonhou com uma África liberta do terrível flagelo. Criancinhas tisanadas corriam pelos campos férteis e quentes; negros musculosos cavavam a terra ubérrima e mulheres esperançosas acendiam as lareiras, embalando ao colo os pequeninos, ao som das velhas canções tribais.

Mal sabia o heróico Mandombi que o seu sonho se realizaria, graças aos seus sacrifícios!

Não foram em vão aquelas experiências; elas conduziram os médicos a uma pista segura e descobriram o roteiro que os levou ao reino da mosca tsé-tsé — inoculadora da doença do sono.

Com a nova descoberta e os novos métodos empregados, milhares de vidas têm sido arrancadas à trágica morte graças ao espírito de sacrifício de um negro cristianizado.

E lá, no grande Hospital, em 1890, num quarto que dava para o sul, com as janelas abertas em direcção à sua amada África, expirou Mandombi. Mas no leito que ele ocupou, pode-se ler ainda a história do seu sacrifício, sintetizada nas palavras divinas do seu Mestre branco:

«Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos.» S. João 15:13.